

Revista

O PROFESSOR

Sindicato dos Professores do ABC
Edição 12 - 2009

Consumo sustentável?

Acesse também www.revistaop professor.com.br

Nós e o mundo

Circula na internet uma mensagem finalizada com o dizer: "Todos pensam em deixar um mundo melhor para os filhos, mas quando é que deixarão filhos melhores para o mundo?". A reflexão, necessária, segue a linha proposta pela 12ª edição da Revista O Professor de repensar nosso papel como cidadãos e como agentes de transformação social. Um outro mundo é possível? Sim, e não depende apenas de boas ideias, mas, sim, de ações. Armindo R. Pinto, o entrevistado deste número, indica como alternativa para reflexão e como possibilidade de mudança de atitude o Teatro do Oprimido, técnica teatral criada por Augusto Boal, também destaque dessa edição.

Em continuidade aos debates relacionados ao nosso papel diante do mundo, O Professor traz informações sobre empresas que suspenderam a compra de produtos originários de áreas desmatadas ilegalmente, além de um artigo assinado pelo professor Gino Giacomini Filho, que trata da ligação "consumo x meio ambiente". Queremos que nossos leitores estejam conscientes dessas questões para que contribuam positivamente na preservação da vida. Consumir é necessário? Sim, mas isso pode ser feito de forma inteligente e sustentável.

Revista O PROFESSOR

Publicação do Sindicato dos Professores de Santo André, São Bernardo e São Caetano
Ano IV - Número 12 - 2009
SINPRO ABC - Gestão 2007/2011

Expediente

Diretoria Executiva: Aloisio Alves da Silva, Célia Regina Ferrari, Denise Filomena L. Marques, José Carlos Oliveira Costa, José Jorge Maggio, Jorge G. de Oliveira Jr. e Paulo Roberto Yamaçake
Presidente: Aloisio Alves da Silva
Diretores de Imprensa: Denise Filomena L. Marques e Jorge G. de Oliveira Jr
Edição e reportagem: Mayra Monteiro - MTb 47.135
Projeto Gráfico: Mayra Monteiro e Israel Barbosa
Capa: Israel Barbosa
Tiragem: 4.000 exemplares
SINPRO ABC - Rua Pirituba, 61/65 - Bairro Casa Branca - Santo André
CEP 09015-540 - São Paulo
www.sinpro-abc.org.br • imprensa@sinpro-abc.org.br

Os artigos assinados nessa publicação não expressam, necessariamente, a opinião do Sindicato.

www.revistaoprofessor.com.br



Em cena, a vida

Teatro do Oprimido, idealizado por Augusto Boal, desperta lado artístico e humano dos praticantes. Somente formação de atores? Não, autoconhecimento e mudanças sociais

Augusto Boal (foto), teatrólogo, dramaturgo e diretor, voltou a ser notícia no dia 2 de maio de 2009, quando faleceu, aos 78 anos, vítima de insuficiência respiratória. "Eu bem que falei dias antes do falecimento dele: quando Boal morrer, todos vão falar dele, mas, depois...", comenta com os alunos durante a entrevista à Revista do Professor, Armindo Rodrigues Pinto, ator e diretor do Grupo de Teatro do Oprimido Revolução Teatral, de Santo André. E assim aconteceu na grande imprensa. Muito foi dito e lembrado por conta do falecimento do diretor, mas para aqueles que conheceram e trabalharam com o teatrólogo, as ideias de Boal estão constantemente presentes e serão sempre atuais.

Boal não atuava com o "teatro dos famosos" ou explorando contos de ficção. Boal retratava a vida e colocava em cena realidades como preconceito, violência, drogas, dificuldades e a vida.

Realidade. Essa é a palavra que melhor define a linha de trabalho de Augusto Boal. Formação de atores? Não, de seres humanos. Como o próprio dramaturgo costumava falar,

"todos os seres humanos são atores, porque atuam, e espectadores, porque observam".

Criador do Teatro do Oprimido (TO), Boal é referência para aqueles que buscam a transformação social e o autoconhecimento por meio da arte. Para a Associação Internacional do Teatro do Oprimido (AITO), "o objetivo básico do Teatro do Oprimido é o de humanizar a humanidade".

Atualmente, mais de 70 países trabalham o TO com as técnicas de Boal.

Carreira

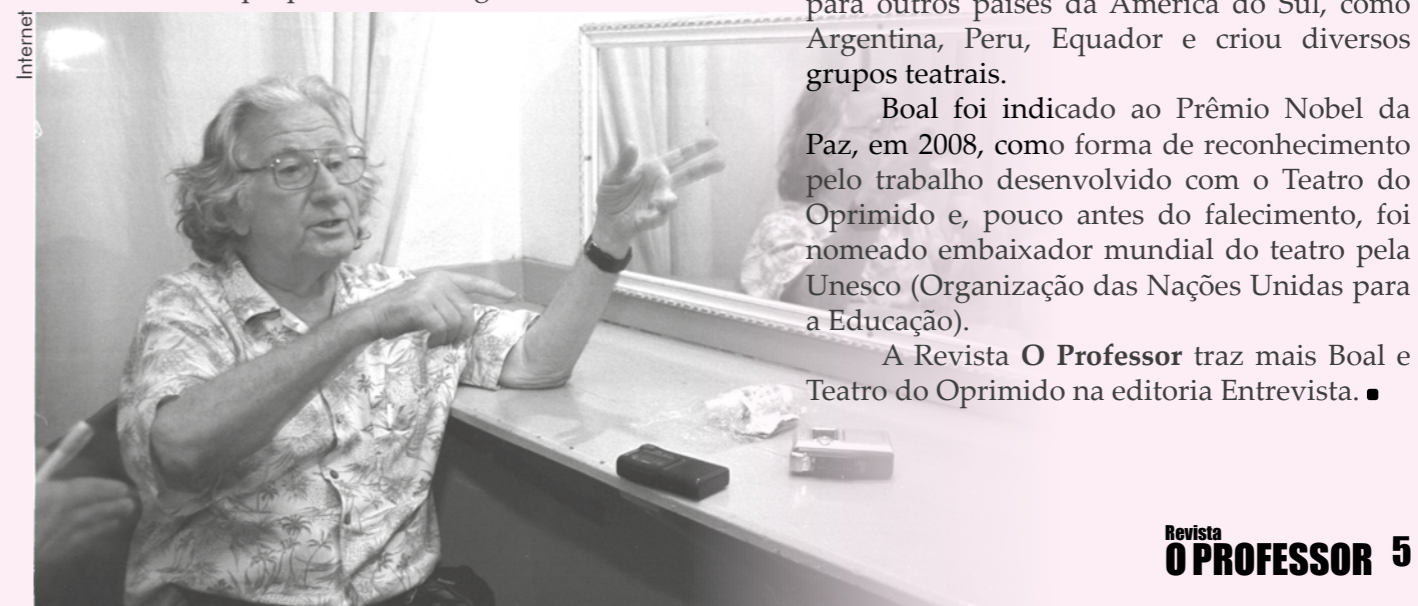
Augusto Pinto Boal nasceu no Rio de Janeiro, em 16 de março de 1931. Participou do Teatro de Arena da Cidade de São Paulo entre as décadas de 50 e 70.

Em 56, dirigiu "Ratos e Homens", de John Steinbeck, e foi premiado como diretor revelação pela Associação Paulista de Críticos de Artes.

Após um período fora do país, por conta do AI-5, Boal retornou ao Brasil e, em 71, foi preso e torturado. A partir de então, viajou para outros países da América do Sul, como Argentina, Peru, Equador e criou diversos grupos teatrais.

Boal foi indicado ao Prêmio Nobel da Paz, em 2008, como forma de reconhecimento pelo trabalho desenvolvido com o Teatro do Oprimido e, pouco antes do falecimento, foi nomeado embaixador mundial do teatro pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação).

A Revista O Professor traz mais Boal e Teatro do Oprimido na editoria Entrevista. ■



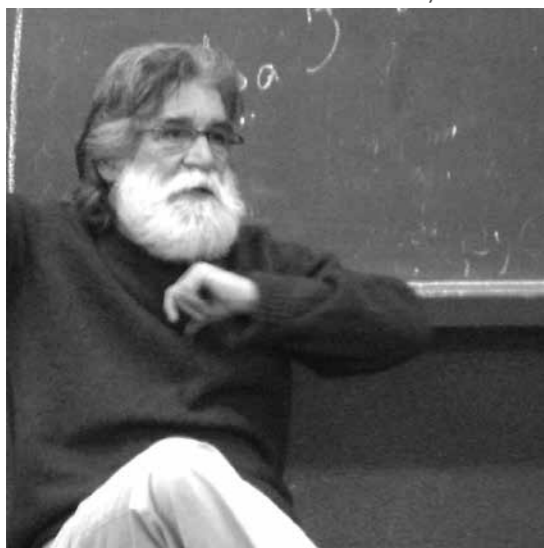
As questões que envolvem a vida profissional dos docentes também ganham destaque nessa edição. Damos início a uma série especial sobre acessibilidade e inclusão, e, a convite da redação de O Professor, a psicóloga Lideli Crepaldi analisa os reflexos da violência escolar na saúde dos professores. Nossa revista também abre espaço para a discussão do uso das histórias em quadrinhos em salas de aula e para a importância de frequentar a universidade na terceira idade, que conscientiza sobre a necessidade de adaptação e de superação de limites físicos que garantam a qualidade de vida nesta fase.

Desejamos a todos uma boa leitura e que a mensagem inicial desse texto seja levada para o debate, seja em rodas de amigos, seja em salas de aulas, para que todos repensem não somente no futuro do mundo como responsabilidade do outro, do governo ou da sociedade, mas, principalmente, na responsabilidade individual e intransferível. Esse é seu e nosso dever!

Até sempre.

"Você só vai diminuir a diferença e o preconceito na medida em que provocar a convivência entre os 'diferentes'"

Fotos: Israel Barbosa e Mayra Monteiro



Grupo Revolução Teatral, de Santo André, dirigido por Armino R. Pinto, é referência para o Brasil e o mundo pelo trabalho desenvolvido com Teatro do Oprimido. A equipe abriu o Encontro Internacional de Teatro Comparado, em Bahia Blanca, Argentina, no ano passado, e já se apresentou no Uruguai

A transformação social por meio da arte é possível. Quem garante é Armino R. Pinto, diretor do Grupo Revolução Teatral, que recebeu a Revista O Professor em Santo André. Na conversa, o diretor fala sobre Augusto Boal, as dificuldades e conquistas obtidas com o Teatro do Oprimido.

Revista O Professor – Conte-nos um pouco de sua história como ator e da influência do Teatro do Oprimido em sua carreira.

Armino – O teatro sempre foi algo muito forte em minha vida. Em 1997, fui trabalhar na

Prefeitura de Santo André e uma das primeiras ações do governo foi trazer o Augusto Boal para a capacitação dos servidores com a técnica do Teatro do Oprimido, em uma tentativa de permitir que esses servidores vissem e entendessem a população que atendiam.

Já trabalhei, também, com grupo de idosos, pessoas com deficiências física e mental, com sofrimento mental, e descobri que o Teatro do Oprimido era um instrumento absurdamente forte, harmonioso, quase mágico e pedagógico.

Eu queria trabalhar com o teatro, mas não me contento com o teatro que está aí, o teatro que reforça os estereótipos, que reforça os preconceitos. Então, minha luta foi escolher entre

esse instrumento pedagógico e o pensamento revolucionário, no sentido de trabalhar com o aluno, com o filho, com o trabalhador e tirar de cada um o que eles têm de melhor.

O curioso foi que Santo André impulsionou o Teatro do Oprimido para o mundo. Por que? Porque muitos falam do TO, mas poucos fazem o TO. Pessoas de dezenas de países vieram ao Brasil, a Santo André, para conhecer nosso trabalho, que virou referência no mundo.

Revista O Professor – Como você explica a técnica de Teatro do Oprimido?

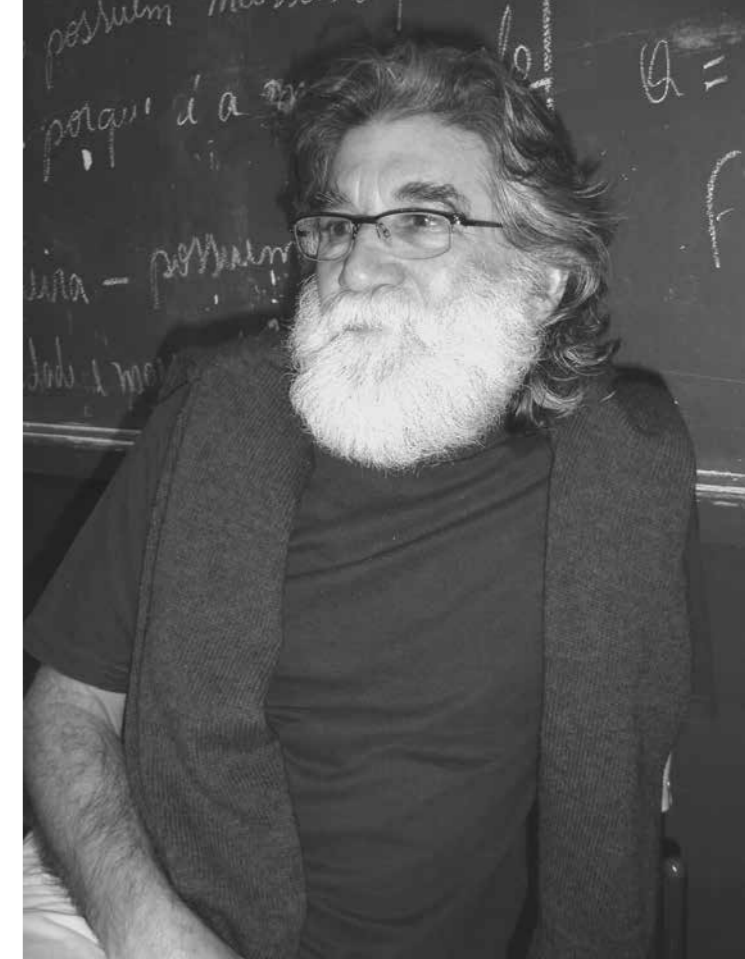
Armino – Augusto Boal é um dos percussores e um dos pilares do teatro moderno brasileiro, ao lado de Gianfrancesco Guarnieri, entre outros. Ele (Boal) colocou o operário, o povo no palco. Há um grande equívoco, pois os estudiosos dizem que o Teatro do Oprimido é pequeno porque ele não te permite fazer um bom teatro. E a pergunta é: o que é um bom teatro? Bom para quem? De que lado você está?

Na autobiografia "Hamlet e o Filho do Padeiro", Boal cita Santo André 12 vezes e conta que, certa vez, veio à cidade trabalhar com os metalúrgicos e, em uma cena que havia um trabalhador 'pelego', houve uma manifestação de um espectador que disse "mas esse não sou eu, eu não faço isso, eu não falo assim" e, imediatamente, Boal disse: "Então venha ao palco e se coloque, pois aqui no palco é como você se vê". Em outra ocasião, dessa vez no Peru, quando estava exilado, em um trabalho com mulheres, outra espectadora entrevistou na cena e Boal convidou-a a participar da apresentação.

Com isso, o Boal foi percebendo que para o oprimido não bastava ser representado pelos outros, mas que ele representava a si próprio. Esse "representar a si próprio" não é só em cena, no teatro, mas na vida e na sociedade.

Então, o Teatro do Oprimido busca empoderar o cidadão e faz com que a pessoa se veja, veja o outro, se veja em sociedade, e passe a se relacionar consigo mesmo dessa forma, com o outro e com toda a sociedade. O TO é uma forma lúdica, quase mágica, de fazer você se enxergar no mundo. Você pega a pessoa que vive num mundo que oprime, que a massacra, e ela se liberta. O TO é libertador.

Com relação ao equívoco que disse há pouco, se o Teatro do Oprimido fosse apenas



o palco do oprimido, a técnica não estaria na Suécia, na Noruega, na Dinamarca, não haveria o Fórum Anual de Teatro do Oprimido Nórdico e também em Nova Iorque, Chicago, Boston.

O Teatro do Oprimido trabalha todas as opressões. Por exemplo, a violência sexual não está somente na periferia ou nas classes mais baixas. A violência sexual está em todas as escalas, em todos os níveis. Trabalhei no Senegal e tinha violência sexual em casa, trabalhei em Cuba e tinha violência sexual em casa, na Noruega não é diferente.

Outro exemplo são os humorísticos da Globo, já que todos, sem exceção, exploram o preconceito, seja contra o pobre, o negro, o gordo etc, e o Teatro do Oprimido vai na contramão disso tudo.

Revista O Professor – Você falou bastante sobre Augusto Boal. O que ele representa para você?

Armino – O Boal representa a história do teatro. Para você ter ideia, na Inglaterra e em diversas universidades do mundo, há aulas de Teatro do Oprimido. Boal foi homenageado pela ONU, pela Unesco, tem título de *Doutor Honoris Causa* em várias universidades do mundo, e esse



ano, um mês antes de morrer, foi à Paris receber o título de Embaixador Mundial do Teatro pela Unesco. Ele é considerado tão importante quanto Brecht ou Grotowski e quem está falando isso não sou eu, mas os ingleses e outros grandes estudiosos de arte. Boal é o ícone mundial do teatro, considerado o maior representante internacional na área de cultura.

Agora que ele morreu, lógico que o Brasil todo comentou. Nosso grupo não fez, digamos assim, eventos em homenagem ao Boal. Nós o homenageamos todas as vezes que atuamos.

É a mesma coisa quando chega o mês de novembro e dizem “por que vocês não fazem um evento sobre racismo?”. Porque nós fazemos eventos sobre racismo o ano todo.

O Boal, no Teatro de Arena na década de 60, juntou tudo ao teatro, música, Brecht e revolucionou o teatro brasileiro. Ele falou da ditadura usando Tiradentes, Zumbi. Quem descobriu a Maria Bethânia foi ele. Quem incentivou Tom Zé a escrever a música “São, São Paulo meu amor” no Festival da Record foi ele. Enfim, Boal é um cara que faz parte da história cultural de uma forma absurda. Eu fico abismado com a importância que ele teve e tem para o teatro brasileiro e para a cultura como um todo.

Revista O Professor – Sempre vimos atores que estão em evidência na mídia e outros artistas reclamando das dificuldades para fazer teatro no Brasil...

Armindo – Eu tenho vontade de “esganar” a Fernanda Montenegro! Porque a Fernanda Montenegro e todos eles fazem espetáculos a R\$ 100 o ingresso e colocam lá dentro (do teatro)

quantas pessoas eles quiserem. Eu lembro que certa vez, em Mauá, eu vi uma faixa “fulano e fulano no Teatro de Mauá”. Não tinha o nome da peça. É assim, eles aparecem na Globo, colocam o ingresso a R\$ 100, ganham muito dinheiro e ficam reclamando do governo Lula? Que o governo Lula não dá subsídio? O Lula, apesar de todas as coisas, pega o dinheiro que era para a Fernanda Montenegro e leva para as regiões menos favorecidas da Amazônia, para os quilombos, para as aldeias indígenas, para a periferia, inclusive apoiando o Teatro do Oprimido, já que dez estados trabalham com TO e recebem ajuda financeira do governo Federal.

Lógico que ninguém quer perder status. Por exemplo, o grupo Palavra Cantada, que é maravilhoso e espetacular, vai se apresentar em um teatro com seis mil lugares e a criança vai virar para o pai e perguntar “pai, eles são anões?”, porque estão muito distantes do palco. A única preocupação é dinheiro, dinheiro, dinheiro. Eu fico muito perturbado quando vejo um artista desses na mídia reclamando que o governo não dá dinheiro e é difícil fazer teatro.

Outro exemplo é aqui em São Paulo, onde muita gente tem mania de falar que é obrigação do governo financiar o teatro. Daí o governo fala que dará R\$ 400 mil e a pessoa terá que trabalhar com a comunidade. Mas essa pessoa não quer estar junto à comunidade e, sim, ganhar somente pela apresentação. A gente vive num país com problemas na saúde, na educação e o cara quer fazer teatro às nossas custas, com nosso dinheiro (público)? Eu fico revoltado com isso.

Revista O Professor – Quais são as grandes dificuldades que o Grupo Revolução Teatral enfrenta no dia-a-dia?

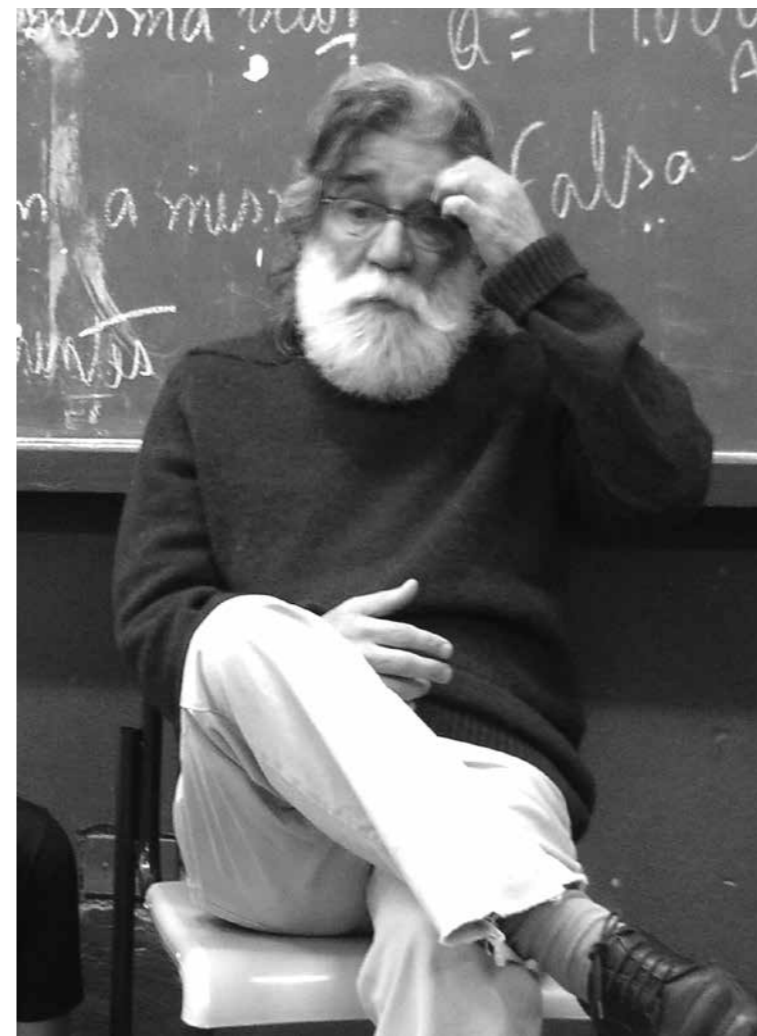
Armindo – Nós precisamos ver de que lado estamos. Eu escolhi meu lado e sei que é um lado que não vai ter grana, não vai ter apoio, não vai ter nada. Eu trabalho com Teatro do Oprimido e quando o TO saiu na Veja foi para avacalhar, você não sabe se chora ou o que faz ao ler aquilo.

Nossas dificuldades são todas, mas tem o outro lado. O Diário do Grande ABC já estampou na capa o bairro do Cata Preta por conta desse grupo. Santo André já esteve na mídia algumas vezes por conta desse grupo, mas, mesmo assim, nós não podemos usar o Centro

Comunitário do Cata Preta, que é o berço do grupo. Na medida em que somos proibidos de usar o Centro Comunitário, somos convidados a nos apresentar em São Paulo e a bilheteria é revertida para a manutenção e sobrevivência do grupo. Um grupo de jovens ativistas de São Paulo nos recebe na casa deles, arruma teatro para nossa apresentação, nos fornece almoço, jantar e dormitório, e isso vira uma rede de solidariedade, uma troca social e cultural. Com isso, já conseguimos até uma apresentação com um cachê bom, que é dividido entre todos do grupo.

Por um lado, se tem esse lado massacrante da mídia, do poder público, da sociedade, da burguesia, nós descobrimos esse outro lado da receita e, para mim, o que importa é estar com o grupo, estar com os alunos.

As dificuldades são todas, mas nós não podemos reclamar. Nós não podemos usar lá (Centro Comunitário), mas o grupo comprou uma lona e forrou no chão da quadra. Nesse espaço, em meia hora saiu uma cena. Outra vez usamos um quintal que tínhamos de limpar o cocô do cachorro para poder ensaiar.



Revista O Professor – Como é a rotina de ensaios e apresentações do grupo?

Armindo – Alguém quer falar? – e pergunta aos outros componentes do Grupo Revolução Teatral.

Jane (professora de Dança do grupo) – A rotina é diária. Apesar dos poucos encontros durante a semana, nós sempre estamos ligados ao teatro, fazemos relatórios e poemas. Com relação às apresentações, antigamente o Armindo recebia os convites por meio do apoio que tínhamos da Prefeitura de Santo André. Hoje as pessoas conhecem nosso trabalho e nos convidam para apresentar. Para nos ajudar, atualmente cobramos pelo menos o valor da condução do grupo, já que não temos verba para isso.

Nossas peças retratam a realidade do grupo. Conversamos, nos conhecemos e trabalhamos em cima disso.

Revista O Professor – Vocês definem o trabalho do grupo como diferenciado, que retrata a realidade. Sendo assim, vocês trabalham com cenários próprios, figurinos etc?

Armindo – Nós achamos um caminho estético. O teatro tem a estética de fazer um médico de avental branco com embalagens de remédio, uma dona de casa com uma panela na cabeça, por exemplo, porque é a linguagem popular. Na estética do oprimido é aquilo do “vamos reciclar as embalagens”, mas eu não vou reciclar as embalagens. Como eu vou falar para reciclar uma coisa que eu não usei? Eu já não posso consumir e ainda vou pegar só a embalagem para transformar em elemento teatral? Eu não posso!

Então, aos poucos, nós achamos um outro caminho, o caminho da dança. No começo nem todos gostaram porque tinham alguns preconceitos, mas aos poucos vão percebendo. Igual a ele (outro ator do grupo), que no começo não queria fazer teatro, depois não queria dançar, depois não queria fazer a cena do beijo. Mas aos poucos as pessoas vão percebendo e sacando o que é isso!

Nós escolhemos o corpo como instrumento. Nossas peças praticamente não têm texto. Nossa última peça tem apenas duas palavras - pai e mãe – e no início tem algumas poesias



feitas pelos próprios componentes do grupo. A questão é filosófica, é estética. O instrumento que nós temos para fazer teatro é o nosso corpo, nossa voz.

Eu pedi a dança para trabalhar o corpo. Como eu trabalho esse corpo sem ser agressivo, que serve não só para puxar o cabelo, beliscar, bater em outra pessoa? Como trabalho o corpo sensual, erótico?

A Jane é nossa coreógrafa. Os pais dela não queriam que ela fizesse teatro, mas hoje saem cedo do trabalho para procurar uma escola para a filha estudar de manhã e poder cursar Dança à noite. O Douglas (outro componente do grupo) é multiplicador e está trabalhando com outros jovens. O Douglas fez uma apresentação no pátio de uma escola pública, com muita bagunça e, aos poucos, foi ficando um silêncio, porque todos pararam para prestar atenção no que estava acontecendo. Até a criança mais agitada parou.

Se você pegar a ficha técnica de uma peça, verá que é enorme: trabalho de corpo, voz, sensibilidade etc. Nossa ficha só tem nossos nomes!

Revista O Professor – Para você, o que difere o teatro das demais manifestações artísticas?

Armindo – Não sei se ele difere, mas o teatro é uma síntese de todas as manifestações artísticas. Ele não é uma ação, ele é uma síntese, em que você pode usar a música, pode usar o canto, vai usar um instrumento, vai usar o corpo, a memória afetiva e tudo o que você tem. Todo potencial humano e criativo pode ser explorado com o teatro. Nós vivemos em uma sociedade em que tudo se perde: não sabemos

as possibilidades de nossa voz, do nosso corpo, não sabemos as possibilidades porque é aquilo “você vai trabalhar e pronto”, e, com isso, você é montado para ser mão de obra. Você tem de engolir tudo que tem de melhor. Nesse sentido, o teatro é mais complexo. A música é fantástica, acordo ouvindo música e vou dormir ouvindo música, e a música está no teatro.

Por exemplo, você pega uma menina que mora em uma casa com 16 pessoas e ela dorme com um primo, um tio e outro tio. Para essa menina, está cristalizado que o dormir, por enquanto, é só dormir. Depois de um tempo, ela é obrigada a fazer outras coisas e quando tem a chance de ver essa situação em cena, essa menina vai pensar “essa sou eu e eu não preciso fazer isso”. O teatro vai fazer com que essa menina pense, reflita e mude. O teatro tem todas essas potências, mas o Teatro do Oprimido, especificamente, vai fazer com que você perceba que não precisa fazer determinadas coisas. Boal disse: “O Teatro do Oprimido é o espelho no qual você entra procurando a porta da transformação”. O Teatro do Oprimido é isso: você se vê. Isso é muito louco e não dá para explicar.

O que fazemos está muito antes do palco e muito além do palco. Posso falar, sem falsa modéstia, que esse grupo (Revolução Teatral) é referência no mundo porque trata disso tudo e chegou à sua estética própria. Tem grupo de teatro profissional que passa anos buscando essa estética própria e não acha.

Revista O Professor – Você acredita que o TO vai ganhar mais destaque por conta do falecimento do Boal, mas logo vai passar?

Armindo – Pouco tempo antes do falecimento do Boal eu falei para o grupo: No dia em que o Boal morrer, todo mundo vai falar nele, depois passa. Por exemplo, o Jornal da Globo exibiu uma matéria de quase quatro minutos. A Folha falou, o Extra, o Globo, o Diário do Grande ABC também, a TV Cultura homenageou. Enfim, teve esse aparecimento, mas que vai apagando.

De novo, com o apoio do governo federal, o TO está se multiplicando pelo Brasil todo. Em São Paulo não tinha nada, mas agora tem um rapaz dentro da USP trabalhando com umas 40 pessoas atualmente. Eu estou na Unesp, onde tem curso de Teatro, e eu dou formação para 15. No início eu havia conseguido duas pessoas

para fazer Teatro do Oprimido e agora eu tenho 15. Teve um espalhamento.

Em 2003, fizemos um seminário e uma pessoa de Lisboa veio participar. Posteriormente, ela fundou o Grupo de Teatro do Oprimido e realiza trabalhos na Europa. Outros dois rapazes vieram de moto de Londrina e fundaram o GTO na cidade. No ano passado, esses dois rapazes trouxeram 25 pessoas para passar uma semana conosco, aprendendo nossos métodos.

Aqui em Santo André atuamos de outra forma. Por exemplo, certo dia uma garota decidiu fazer um trabalho de TO e, todos os dias, saía de casa para ir ao Cata Preta aprender a técnica. A menina e os outros membros do grupo apresentaram a cena e toda a sala recebeu nota porque todos se envolveram na cena.

Em Santo André o TO está se ramificando e essa é minha ideia.

Revista O Professor – Quem tiver interesse em colaborar com o grupo, como deve proceder?

Armindo – As pessoas nos abrem espaço para que possamos nos apresentar e somos convidados para ir a outros lugares. Certa vez, apresentamos um trabalho de ‘racismo na escola e as dificuldades do professor em lidar com isso’ para 300 docentes da rede municipal de ensino de São Paulo.

Recebemos o convite para abrir o Encontro Internacional de Educação Popular e não é uma atividade cultural, mas a Abertura Magna do evento. Os apoios vêm à proporção que as pessoas nos assistem. Não temos conta bancária para fazer depósito e espero não ter isso. Espero receber pelo nosso trabalho, sem perder nossas características, e continuar apresentando na favela, na rua, na praça.

O maior apoio que podemos receber são os convites ou a cessão de espaço para o grupo trabalhar. O apoio é esse espaço que vocês estão dando para mostrar para todos quem somos nós, o que fazemos e, se acreditarem, chamar o grupo para se apresentar.

Revista O Professor – Armindo, a Revista O Professor deixa o espaço aberto para que você dê suas considerações finais.

Armindo – Minha consideração é como o

teatro não é visto nas escolas particulares. Estudei em escolas particulares onde normalmente pegam um texto pronto e falam “ah que legal, vamos fazer teatro”. Em Santo André, já entramos em escola pública em que o professor conhecia nosso trabalho e disse “quero muito levar o grupo, mas os moleques não vão deixar, o tráfico não vai deixar”. Já fomos nessa escola duas vezes. Na primeira vez, esses “moleques” que não queriam deixar, no final da peça ajudaram na arrumação das cadeiras.

Algumas escolas não conseguem entender o teatro, e muitos professores quando vão ao teatro é só para assistir Stand Up, ou a Fernanda Montenegro, que não deixam de ser bons.

Nas escolas particulares, que atendem um outro patamar da sociedade, é interessante mostrar nosso trabalho para que a classe média conheça a classe oprimida. A princípio sempre tem um embate, mas acaba com uma troca.

É importante que o Teatro do Oprimido entre nas escolas particulares para que se discuta os problemas como a violência, as drogas, o lixo na sala de aula, que não estão somente na periferia, mas nas escolas particulares também. E como fazer essa troca? O pessoal da classe média tem que olhar, tocar e sentir o cheiro desse cara da periferia. Você só vai diminuir a diferença e o preconceito na medida em que provocar a convivência entre os “diferentes”. ■

Para entrar em contato com o grupo e conferir os locais de apresentação, acesse <http://gtorevolucaoteatral.blogspot.com> ou escreva para teatroprimido.sp@uol.com.br.

